
Guia de práticas educacionais e ABA na inclusão escolar de crianças com autismo

Ficha Catalográfica
Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

F143g Faculdade Pernambucana de Saúde

Guia de práticas educacionais e ABA na inclusão escolar de crianças com autismo. / Faculdade Pernambucana de Saúde, Clara Sobreira Pereira Nogueira, Rebeca Sobreira Pereira Nogueira; Orientador Leopoldo Barbosa. – Recife: Do Autor, 2025.
28 f.

Guia
ISBN:978-65-6034-134-0

1. Práticas educacionais. 2. Inclusão escolar. 3. Autismo. I. Nogueira, Clara Sobreira Pereira. II. Nogueira, Rebeca Sobreira Pereira. III. Barbosa, Leopoldo, orientador. IV. Título.

CDU 376(036)

Profissionais responsáveis

Clara Sobreira Pereira Nogueira

CRP 02/15809

Psicóloga pela FAFIRE há mais de 13 anos; Neuropsicóloga pela FPS; Especialista em Análise do Comportamento Aplicada ao TEA e DI pela FPS; Mestranda em Psicologia da Saúde na FPS; Experiência como psicoterapeuta nas abordagens comportamentais e contextuais ao público infantil e adulto; Experiência como acompanhante terapêutico escolar, domiciliar e clínico em ABA; Experiência como coordenadora ABA; atualmente na função Supervisora ABA há mais de 5 anos; CEO e Diretora clínica da Be Live - Conhecimento Aprendizagem e sentido

Rebeca Sobreira Pereira Nogueira

CRP 02/22766

Psicóloga desde 2019 pela UFPE e FAFIRE; Especialista em Análise do Comportamento Aplicada à TEA e DI; Trajetória iniciada nos EUA em 2016 como acompanhante terapêutica; Experiência internacional (USA, Irlanda) e nacional (PE, RN) em atendimentos clínicos, intervenção parental, avaliação comportamental, e em Intervenção ABA (Análise do Comportamento Aplicada); Atuante com público infantojuvenil com transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

CEO e Diretora da Equipe Rebeca Sobreira.

Leopoldo Barbosa

CRP 02/12844 (orientador)

Psicólogo. Pós-doutorado em ciências da saúde. Doutor em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento. Docente da graduação e pós-graduação da FPS. Coordenador do Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde da FPS.

Apresentação

A necessidade de compreender e aprimorar as práticas educativas direcionadas às crianças com autismo é fundamental para garantir uma inclusão eficaz. Este processo não se limita a atender a um imperativo legal e moral, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva.

Elaborado no âmbito do Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde da FPS, este guia e as iniciativas que o acompanham respondem à crescente prevalência do autismo e à urgente necessidade de implementar práticas pedagógicas adaptadas a essa realidade. Nesse contexto, torna-se essencial o desenvolvimento de intervenções adequadas que ofereçam suporte e orientação aos educadores, os quais frequentemente enfrentam desafios na aplicação de estratégias eficazes e manifestam sentimentos de desamparo ou despreparo diante dessa demanda específica.

O objetivo geral desta iniciativa é capacitar professores da rede pública de ensino de em princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para aprimorar a inclusão e o ensino de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), promovendo estratégias baseadas em evidências para a gestão da sala de aula e o desenvolvimento de habilidades sociais e acadêmicas.

Este guia e as práticas da ABA representam ferramentas valiosas para transformar a realidade da inclusão escolar de crianças com autismo. Ao capacitarmos nossos educadores e promovermos uma cultura de compreensão e respeito à neurodiversidade, estamos investindo em um futuro mais justo e equitativo para todos.

Objetivos específicos



Ampliar o olhar sobre a neurodiversidade

Incentivando uma mudança de perspectiva sobre o TEA, de modo a valorizar as potencialidades dos alunos autistas e promover uma inclusão mais sensível e eficaz.



Capacitar na identificação de comportamentos

Capacitar os professores na identificação de comportamentos desafiadores e sua contingência no contexto educacional.



Fortalecer a rede de apoio

Fortalecer a rede de apoio entre os professores, promovendo o compartilhamento de recursos e estratégias para a inclusão.



Apresentar fundamentos teóricos da ABA

Apresentar os fundamentos teóricos da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e sua aplicação no contexto escolar.



Ensinar técnicas de manejo comportamental

Ensinar aos professores as técnicas de manejo de comportamentos por meio da comunicação funcional, do reforço positivo e de outras técnicas comportamentais.



Apresentar estratégias baseadas em evidências

Apresentar estratégias baseadas em ABA, fundamentadas em evidências científicas, para promover a aprendizagem e a inclusão de alunos com TEA.



Incentivar o protagonismo docente

Incentivar o protagonismo docente na adaptação das práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais dos alunos com TEA.

Breve fundamentação teórica

A educação é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade, sendo sua qualidade diretamente influenciada pela formação e práticas pedagógicas dos profissionais envolvidos. Na rede pública de ensino, muitos professores enfrentam desafios relacionados à diversidade de necessidades dos alunos, à gestão de sala de aula, à falta de recursos e, muitas vezes, à escassez de capacitação contínua. Coutinho¹, em seu estudo realizado no sul do Brasil, chega a conclusão que os principais desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem, apontados pelos professores, incluem comportamento dos alunos, dificuldades pedagógicas, pouca participação da família na escola, comunicação, socialização e adequação à rotina escolar.

O estudo de Abdullah et al² revela que, para além do treinamento pedagógico, os grupos de trabalho entre professores e motivação para o trabalho gera um impacto significativo no desempenho docente. Segundo Rodrigues³, o educador deve assumir um papel ativo na identificação das necessidades de cada aluno e na adaptação das práticas pedagógicas para atendê-las. Aranha⁴ ressalta a importância da formação contínua dos professores em educação inclusiva, destacando que o conhecimento e a sensibilização são fundamentais para a inclusão efetiva. Além disso, a colaboração entre professores, pais e profissionais de saúde é vital nesse processo inclusivo.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizado por desafios na comunicação, na interação social e em padrões de comportamento restritos ou repetitivos. De acordo com os dados mais recentes do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC)⁵ dos Estados Unidos, a prevalência do TEA tem aumentado nos últimos anos, atingindo 1 em cada 36 crianças de 8 anos em 2020. Esses estudos também mostraram que, além do número de crianças autistas ter crescido, o diagnóstico também está mais tardio. O TEA é relatado como ocorrendo em todos os grupos raciais, étnicos e socioeconômicos. Esse crescimento reforça a necessidade de preparar os profissionais da educação para não só atender adequadamente esses alunos, como auxiliar seja na identificação precoce ou tardia dessas crianças. Cada criança com TEA apresenta um perfil único de habilidades e dificuldades, o que demanda dos professores estratégias individualizadas e um ambiente de aprendizado adaptado.

Apesar do avanço nas políticas públicas de inclusão, muitos professores da rede pública ainda enfrentam dificuldades para adaptar suas práticas pedagógicas, muitas vezes devido à falta de formação específica e de recursos adequados. Esse cenário destaca a importância de investimentos contínuos em capacitação e infraestrutura para garantir um ensino mais inclusivo e acessível. O desconhecimento sobre as características do TEA e as metodologias mais eficazes para trabalhá-lo na sala de aula também limita a criação de um ambiente de ensino eficiente.

Abordagem da neurodiversidade

A abordagem da neurodiversidade propõe um modelo biopsicossocial, distanciando-se do entendimento puramente biomédico do Transtorno do Espectro Autista (TEA).⁶ Em vez de focar apenas nos sintomas, ela considera o TEA como parte da identidade do indivíduo, reconhecendo tanto as dificuldades quanto os pontos fortes dos autistas. Em vez de tratar os sintomas como "déficits", o movimento busca uma inclusão social que respeite as necessidades e capacidades de cada pessoa com TEA, destacando a importância de compreender como esses indivíduos processam estímulos e se comunicam.⁷

Estudos mostram que, muitas vezes, as pessoas neurotípicas não entendem comportamentos repetitivos ou de autorregulação de autistas, como formas de lidar com desafios sensoriais.⁸ Isso reforça a necessidade de uma maior sensibilidade para interpretar os comportamentos de quem está no espectro, a fim de melhorar as práticas inclusivas.



Além disso, a construção da identidade autista, defendida pela neurodiversidade, destaca a importância de respeitar a autopercepção dos indivíduos com TEA, que podem vivenciar conflitos internos entre os movimentos pró-cura e pró-neurodiversidade ^{7, 9, 10}

Esse olhar mais holístico sobre o TEA ajuda a promover um ambiente mais inclusivo, onde a identidade autista é reconhecida e valorizada, não apenas em termos de limitações, mas também de habilidades e contribuições únicas.¹¹ Dessa forma, o conhecimento das particularidades de cada indivíduo é essencial para a promoção de uma inclusão verdadeira e respeitosa.

Análise do comportamento aplicada (ABA)

Nesse cenário, a implementação de estratégias baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) pode oferecer uma compreensão, análise e estratégias para melhor direcionar a aprendizagem no ambiente escolar, inclusive de alunos com alguma neurodivergência, como o TEA.

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é o ramo aplicado da ciência da Análise do Comportamento. A ABA é uma abordagem científica de avaliação, intervenção e ensino de comportamentos socialmente relevantes. Ela se utiliza de métodos de investigação científica, que são: descrição objetiva dos comportamentos a serem investigados, quantificação e experimentação controlada.^{12, 13, 14}

A ABA vem sendo amplamente estudada e utilizada, com muita eficácia, no atendimento a pessoas com desenvolvimento neurodivergente, com resultados comprovados e eficazes em âmbito nacional e internacional em intervenção com indivíduos dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Centenas de estudos e revisões publicados nos últimos 50 anos, apontam para os efeitos positivos a curto e longo prazo da aplicação intensiva e precoce, reduzindo comportamentos mal adaptativos ou que interferem na aprendizagem do indivíduo autista. A ABA está, então, dentre as práticas baseadas em evidências, considerada como padrão ouro nos cuidados e desenvolvimento das pessoas no TEA. ^{12, 13, 14}

ABA na educação

A Análise do Comportamento oferece ferramentas teóricas e metodológicas para compreender e intervir nos processos de ensino-aprendizagem, focando na relação entre comportamento e ambiente. No contexto educacional, essa abordagem permite desenvolver práticas pedagógicas baseadas em evidências, favorecer a aprendizagem de habilidades acadêmicas e sociais, aprimorar a relação professor-aluno e criar estratégias para inclusão escolar.^{15,16}

A oficina proposta se apoia nos princípios do Behaviorismo Radical, de B.F. Skinner, que concebe o comportamento como produto da interação entre o indivíduo e o ambiente, determinado por três níveis de seleção: filogênese (evolução da espécie), ontogênese (história individual) e cultura (práticas sociais). Segundo o livro, as principais contribuições da Análise do Comportamento para a Educação incluem: a análise funcional do comportamento, que permite identificar variáveis que influenciam o desempenho do aluno; o uso de reforçamento positivo, para aumentar a frequência de comportamentos desejados; o ensino estruturado e individualizado, com base em análise de contingências; e estratégias para ensino de repertórios básicos, como leitura, escrita e matemática, além de intervenções para inclusão de alunos com necessidades educacionais específicas. A oficina busca apresentar essas contribuições na prática, fornecendo aos professores instrumentos eficazes para aprimorar suas estratégias de ensino e criar ambientes de aprendizagem mais eficientes e inclusivos.^{15,16}

Proposta de intervenção

O presente guia veio de uma proposta de intervenção por meio de oficina de capacitação externa, para professores da rede pública de uma cidade do agreste pernambucano, em princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), auxiliando na gestão da sala de aula, no desenvolvimento de habilidades sociais e acadêmicas e na promoção de comportamentos adequados dos seus alunos autistas. A capacitação busca ampliar a compreensão sobre as necessidades dos alunos com TEA, incentivando práticas pedagógicas mais inclusivas e reflexivas.

Além da aquisição de conhecimentos técnicos, a proposta valoriza o protagonismo docente, promovendo soluções criativas e colaborativas para os desafios da inclusão escolar. O formato participativo do workshop fortalece a construção de uma rede de apoio entre educadores, permitindo o compartilhamento de estratégias e recursos eficazes.

Salienta-se que ao investir na formação dos professores, este projeto reforça a importância de fornecer a esses profissionais não apenas o conhecimento técnico, mas também as condições para que possam implementar as mudanças necessárias em suas práticas diárias, proporcionando um ambiente educacional mais inclusivo e enriquecedor, que favoreça o desenvolvimento das crianças com TEA.

Planejamento da oficina

A necessidade de compreender e aprimorar as práticas educativas direcionadas às crianças com autismo em uma cidade do agreste pernambucano é fundamental para garantir uma inclusão eficaz. Esse processo não se limita a atender a um imperativo legal e moral, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva. Além disso, a realização do estudo e da oficina se justifica pela crescente prevalência do autismo e pela urgência de implementar práticas pedagógicas adaptadas a essa realidade. A intervenção também se mostra essencial ao oferecer suporte e orientação aos educadores, que frequentemente enfrentam desafios na aplicação de estratégias adequadas e se sentem desamparados ou despreparados para atender a essa demanda.

A oficina terá duração de 4 horas e será realizada por profissionais de psicologia, especialistas em análise do comportamento aplicada ao autismo, sendo uma delas estudante de mestrado da instituição de ensino.

Objetivo geral da oficina

Capacitação em ABA para inclusão escolar

Capacitar professores da rede pública de ensino de uma cidade do agreste pernambucano em princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para aprimorar a inclusão e o ensino de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), promovendo estratégias baseadas em evidências para a gestão da sala de aula e o desenvolvimento de habilidades sociais e acadêmicas.

Público alvo

Este guia destina-se a professores, especialmente da rede pública de ensino, que têm alunos autistas em sala ou que acompanham como mediador pedagógico uma pessoa com autismo.



Estrutura da oficina

Apresentação (10 minutos)

As profissionais se apresentarão e falarão o tema da oficina e a proposta. Será solicitado que observem a própria dinâmica do encontro, pois ela em si já será uma estrutura indicada à prática do educador em sala de aula. Depois, as profissionais pedirão que sejam mencionadas as funções dos educadores ali presentes e se alguém possui conhecimento ou familiaridade com a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), para que possam se direcionar de forma mais pessoal ao seu público.

Técnicas utilizadas: exposição dialogada

Introdução ao TEA (30 minutos)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que se manifesta por meio de características como dificuldades na comunicação social, comportamentos repetitivos e interesses restritos. No entanto, essas manifestações ocorrem de forma muito diversa entre os indivíduos, o que caracteriza o espectro autista como amplo e heterogêneo. Essa diversidade implica que cada pessoa com TEA apresenta um conjunto único de características, que podem variar em intensidade, forma e impacto na vida cotidiana. Por isso, é fundamental reconhecer e valorizar os pontos fortes de cada indivíduo, como habilidades específicas, interesses aprofundados, memória detalhada ou criatividade, evitando uma visão limitada ao diagnóstico ou focada exclusivamente nos déficits. Essa abordagem mais sensível e abrangente favorece a inclusão e o respeito à singularidade de cada pessoa no espectro.

Princípios da ABA (60 minutos)

Apresentação dos conceitos fundamentais da Análise do Comportamento Aplicada, incluindo comportamento, estímulo discriminativo, reforço, punição, reforçamento diferencial, extinção, generalização, comportamento operante, comportamento respondente, função do comportamento, e ética e compaixão.

Estratégias práticas de ABA (90 minutos)

Ensino de estratégias específicas de ABA para melhorar o comportamento, comunicação e aprendizado de alunos com TEA, incluindo técnicas como reforço positivo, reforçamento diferencial, ensino por tentativas discretas, ensino incidental, modelagem, encadeamento, suportes visuais, treino de habilidades de comunicação, intervenção funcional e treino de tolerância à frustração.

Técnicas utilizadas: Exposição dialogada, análise do caso escolhido, simulação de sala de aula (role play)

Princípios da ABA

3.1. Comportamento

Definição: Qualquer ação de um organismo que possa ser observada e medida. Pode ser uma ação motora (como escrever), verbal (como falar), ou mesmo comportamentos privados (como pensar ou sentir, quando acessíveis).

Exemplo escolar: Uma criança com TEA levanta a mão para pedir ajuda durante a aula.

3.2. Estímulo discriminativo

Definição: Qualquer evento do ambiente que precede uma resposta de comportamento. Pode ser algo visual, auditivo, tátil, entre outros.

Exemplo escolar: O som da campainha indicando o fim do recreio é um estímulo que pode provocar o comportamento de voltar para a sala.

3.3. Reforço

Definição: Consequência que aumenta a probabilidade de um comportamento se repetir no futuro. Pode ser positivo (adicionar algo agradável) ou negativo (remover algo aversivo).

Exemplo escolar: Após terminar uma tarefa, a criança recebe elogios da professora (reforço positivo), o que aumenta a chance de ela se engajar nas próximas atividades.

Princípios da ABA

3.4. Punição

Definição: Consequência que diminui a probabilidade de um comportamento se repetir. Pode ser positiva (adicionar algo desagradável) ou negativa (retirar algo agradável).

Exemplo escolar: Quando a criança grita na sala, perde cinco minutos do tempo de brincar (punição negativa), reduzindo esse comportamento no futuro.

3.5. Reforçamento diferencial

Definição: Estratégia que envolve reforçar um comportamento desejado e extinguir comportamentos indesejados.

Exemplo escolar: A professora reforça quando a criança pede um brinquedo de forma apropriada e ignora/bloqueia quando ela tenta pegar sem pedir.

3.6. Extinção

Definição: Processo de retirar o reforço que mantinha um comportamento, fazendo com que ele diminua com o tempo.

Exemplo escolar: Se a criança faz birra para evitar tarefas e não é mais retirada da atividade quando faz birra, o comportamento pode reduzir.

Princípios da ABA

3.7. Generalização

Definição: Quando um comportamento aprendido ocorre em diferentes ambientes, com diferentes pessoas ou estímulos.

Exemplo escolar: A criança aprende a pedir "por favor" na sala de aula e começa a usar a mesma fala no refeitório.

3.8. Comportamento operante

Definição: Comportamento que é influenciado pelas consequências que o seguem.

Exemplo escolar: A criança aprende que, ao entregar sua tarefa, recebe pontos no quadro, e por isso passa a concluir as tarefas com mais frequência.

3.9. Comportamento respondente

Definição: Comportamento reflexo, automaticamente eliciado por um estímulo.

Exemplo escolar: A criança pisca quando vê uma luz forte repentinamente na sala. A criança faz flapping quando vê uma imagem que goste.

Princípios da ABA

3.10. Função do comportamento

Definição: Refere-se ao motivo pelo qual o comportamento ocorre, ou seja, a função que ele cumpre para a criança. Todo comportamento tem uma ou mais funções. As principais funções são: atenção, acesso a itens/atividades (comida, brinquedos, brincar no parque), fuga/evitação e produzir sensações/ reforço automático (como pular, balançar, morder).

Importante: A gente muda o comportamento entendendo o motivo dele, não só dizendo "não pode".

Exemplo escolar: A criança grita quando recebe uma atividade difícil (função de fuga), e a professora retira a tarefa — reforçando o comportamento.



3.11. Ética e Compaixão

Definição: A ética na ABA contemporânea é contra punições severas ou práticas que desconsiderem o assentimento e os sentimentos da criança. A ABA deve sempre respeitar os direitos, a dignidade e o bem-estar do aluno. As intervenções devem ser seguras, individualizadas, baseadas em reforço positivo e voltadas para objetivos que realmente façam sentido na vida da criança. Ensinar com compaixão é entender que o comportamento é uma forma de comunicação e que o aluno está fazendo o melhor que pode com as ferramentas que tem.

Estratégias práticas de ABA



Reforço Positivo

O que é: Adicionar algo agradável após o comportamento desejado para aumentar sua frequência.

Quando usar: Quando se deseja fortalecer um comportamento desejado que já ocorre, mesmo que raramente.

Em situações de: Baixa iniciativa, baixa resposta a comandos, engajamento reduzido em tarefas.

Exemplo de situação escolar: Uma criança com TEA começa a responder quando chamada pelo nome. A professora elogia imediatamente e oferece um adesivo. Com isso, aumenta a frequência dessa resposta (responder quando chamada pelo nome).



Reforçamento Diferencial (DRA, DRO, DRI)

O que é: Reforçar um comportamento desejado enquanto se reduz o reforço de um indesejado.

Quando usar: Quando há um comportamento inadequado a ser reduzido e já existe (ou pode ser ensinado) um comportamento substitutivo.

Em situações de: Comportamentos disruptivos como gritos, interrupções, agressividade leve.

Situação escolar: A criança grita para chamar atenção, então é ensinada a levantar a mão. A professora reforça apenas quando ela levanta a mão (DRA).



Ensino por Tentativas Discretas (DTT)

O que é: Método estruturado de ensino, com instruções claras e reforço imediato.

Quando usar: Quando a criança precisa aprender novas habilidades acadêmicas, cognitivas ou de linguagem de forma sistemática.

Em situações de: Dificuldades acadêmicas, atraso de linguagem, aquisição de pré-requisitos escolares.

Exemplo de situação escolar: A criança ainda não sabe parear letras com sons. O professor apresenta cartões em sessões curtas e reforça as respostas corretas.



Ensino Incidental (Natural Environment Teaching)

O que é: Ensinar no momento em que a criança demonstra interesse ou motivação.

Quando usar: Quando se quer generalizar habilidades aprendidas ou desenvolver habilidades de comunicação espontânea.

Em situações de: Comunicação limitada, dependência de comandos, pouca iniciativa.

Exemplo de situação escolar: Durante o recreio, a criança tenta pegar um brinquedo alto. A professora aproveita para ensinar a pedir ajuda verbalmente.



Modelagem

O que é: Reforçar aproximações sucessivas de um comportamento-alvo.

Quando usar: Quando o comportamento desejado ainda não ocorre, mesmo com instruções diretas.

Em situações de: Baixa linguagem expressiva, habilidades sociais emergentes, tarefas complexas.

Exemplo de situação escolar: A criança não fala frases completas. A professora reforça inicialmente quando ela diz uma palavra, depois duas, até formar frases.



Encadeamento

O que é: Ensinar tarefas em etapas, reforçando cada passo da sequência.

Quando usar: Quando a criança tem dificuldade em realizar tarefas com múltiplos passos.

Em situações de: Falta de autonomia, dificuldades de rotina, organização de materiais.

Exemplo de situação escolar: A criança precisa aprender a organizar o material ao final da aula. Ensina-se passo a passo (fechar o estojo → guardar → fechar a mochila).



Suportes Visuais

O que é: Uso de imagens, listas, cronogramas para facilitar compreensão e organização.

Quando usar: Quando há dificuldade de seguir instruções verbais, antecipar mudanças ou manter foco.

Em situações de: Ansiedade frente a mudanças, dificuldade de transição, desorganização, alunos que precisam muito de previsibilidade.

Exemplo de situação escolar: A professora usa um quadro de rotinas com figuras que mostram cada momento do dia, ajudando a criança a se situar e se organizar e vai retirando as figuras a medida que os eventos forem ocorrendo.



Treino de Habilidades de Comunicação

O que é: Consiste no ensino de habilidades de comunicação funcional, sendo também uma importante base para o manejo de comportamentos-problema. Podem ser utilizadas estratégias de comunicação alternativa, como PECS, PODD, Matriz de Comunicação e DHACA.

Quando usar: Quando a criança não consegue expressar suas diversas necessidades de forma funcional, sejam crianças já vocais ou não.

Em situações de: Comunicação funcional limitada, comportamentos por frustração, dependência de adultos.

Exemplo de situação escolar: A criança usa figuras para pedir água ou ir ao banheiro, reduzindo choros ou crises. A criança demanda muita atenção e é ensinada, por modelo, inicialmente, a solicitar atenção adequadamente.



Intervenção Funcional

O que é: Intervenção baseada na análise da função do comportamento.

Quando usar: Quando há comportamentos-problema recorrentes e se deseja tratá-los de forma eficaz, ensinando respostas adequadas e alternativas ao comportamento problema.

Em situações de: Comportamentos intensos como agressividade, birras, recusa escolar.

Exemplo de situação escolar: Após avaliação, descobre-se que a criança agride para fugir de atividades difíceis. As tarefas são adaptadas e se ensina uma forma adequada de pedir ajuda.



Treino de Tolerância à Frustração

O que é: Ensinar a criança a aceitar "nãos", mudanças e esperar de forma gradual e positiva.

Quando usar: Quando a criança tem reações intensas a frustrações ou mudanças de rotina.

Em situações de: Impulsividade, birras, baixa flexibilidade.

Exemplo de situação escolar: A criança aprende a esperar 5 segundos antes de acessar um brinquedo. Esse tempo vai aumentando conforme ela tolera bem. A mediadora ou professora vai contando o tempo nos dedos, à frente da criança e entrega o item imediatamente.

Recomendações gerais – Adaptação Curricular e Acompanhamento



Realizar adaptação curricular individualizada

Garantindo o acompanhamento contínuo dos alunos e desenvolvendo um plano de atividades que evite atrasos em seu aprendizado.



Adaptar atividades e explicações

Adaptar atividades e explicações para ajudá-los a evoluir em suas dificuldades.



Tornar o ensino interessante

Sendo mais animado, teatral e dramático ao ensinar.



Atribuir tarefas compatíveis com as habilidades

Certificar-se de atribuir tarefas compatíveis com as habilidades dos alunos, prevenindo acúmulo de dificuldades acadêmicas.



Utilizar ensino direto e estruturado

Utilizar ensino direto, aprendizagem programada ou materiais estruturados.



Ensinar a solicitar ajuda

Permitir que a criança solicite, peça ou pegue o que deseja, sem facilitar excessivamente. Ensinar a criança a pedir ajuda de um colega quando precisar de algo.

Recomendações gerais – Adaptação de Avaliações e Ambiente Escolar

Adaptação de Avaliações e Tarefas

- Conceder tempo adicional para a realização de provas, oferecendo de 20 a 40 minutos extras
- Destacar com marcador de texto as palavras ou instruções mais importantes
- Diminuir a quantidade de tarefas solicitadas em classe e para casa
- Solicitar ao aluno que anote as instruções verbais das atividades
- Oferecer aprofundamento de conhecimento nas áreas de interesse

Ambiente escolar e organização física

- Reduzir estímulos distratores no ambiente escolar
- Posicionar o aluno próximo ao(a) professor(a) para favorecer a concentração
- Fornecer instruções importantes de forma direta e próxima ao aluno
- Evitar locais com excesso de estímulos visuais e sonoros
- Posicionar o aluno perto de colegas com comportamentos positivos

Recomendações gerais – Comunicação e Estratégias de Aprendizado

Comunicação e Interação com os alunos

- Dizer "olhe para mim" ou buscar o olhar ou o direcionamento à criança
- Não falar de costas, mantendo sempre o contato facial
- Fornecer a instrução apenas uma vez
- Dar um comando por vez
- Usar enunciados curtos, claros e objetivos
- Evitar estímulos ou gestos que possam gerar interpretações ambíguas

Estratégias para Otimizar o Aprendizado

- Ensinar individualmente ou em pequenos grupos, sempre que possível
- Evitar solicitar que o aluno leia em voz alta diante de um grande número de colegas
- Corrigir ou chamar a atenção do aluno individualmente e em tom baixo
- Focar no conteúdo das respostas do aluno, em vez da forma de apresentação
- Incentivar a repetição intensiva de conteúdos recentemente aprendidos
- Evitar a correção excessiva de erros
- Permitir intervalo entre as tarefas
- Dar opção de movimentar-se fora da cadeira
- Usar dicas não-verbais para permanecer na tarefa

Desenvolvimento Social e Sugestões de Filmes

Desenvolvimento Social e Interação com Colegas

- Incentivar a socialização com os colegas
- Trabalhar iniciação social com perguntas simples
- Estimular pequenos diálogos entre as crianças
- Ensinar a esperar a resposta do colega e a respeitar um "não"
- Oferecer atividades estruturadas onde a interação seja necessária
- Contar histórias curtas com imagens que mostrem como se comportar em situações sociais
- Usar imagens para mostrar a sequência das atividades sociais
- Estimular outras crianças a iniciarem uma interação
- Modelar frases como "Que lindo seu desenho!" e incentivar a aluna a elogiar colegas
- Valorizar as potencialidades da criança e elogiar suas conquistas

Sugestões de Filmes, Séries e Documentários Inspiradores

- Como estrelas na terra
- Extraordinário
- Uma advogada extraordinária
- Life, Animated
- Deixe-me Voar
- Meu nome é rádio
- Além da sala de aula
- This Is Us



Referências

Coutinho MC, Tessaro M. Percepção de professores acerca do processo de inclusão de alunos neurodivergentes. Rev. Pedagógica [Internet]. 29 de novembro de 2024 [acesso em 23 de março de 2025]; 26(1):e7871. Disponível em:

<https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7871>

Abdullah, Musdiani, Putra M, Sari SM. Competência pedagógica, grupos de trabalho de professores e motivação: sua influência no desempenho do ensino em escolas estaduais de ensino fundamental. Jurnal Komdik [Internet]. 31 de janeiro de 2024 [acesso em 23 de março de 2025]; 8(1):60-74. Disponível em:

<https://journal.univetbantara.ac.id/index.php/komdik/article/view/5506>

Rodrigues, D. Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2005.

Aranha, MSF. Educação inclusiva: do que estamos falando? In: MANTOAN, M. T. E. (Org.) Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2005.

Maenner MJ, Warren Z, Williams AR, et al. Prevalência e características do transtorno do espectro autista entre crianças de 8 anos — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 locais, Estados Unidos, 2020. MMWR Surveill Summ 2023;72(No. SS-2):1–14. DOI:

<http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7202a1>

Gillespie-Lynch K, Kapp SK, Brooks PJ, Pickens J, Schwartzman B. Whose expertise is it? Evidence for autistic adults as critical autism experts. Front Psychol. 2017;8:438. doi: 10.3389/fpsyg.2017.00438.

Kapp SK, Gillespie-Lynch K, Sherman LE, Hutman T. Deficit, difference, or both? Autism and neurodiversity. Dev Psychol. 2013;49(1):59. doi: 10.1037/a0028353.

Jones RSP, Huws JC, Beck G. 'I'm not the only person out there': insider and outsider understandings of autism. *Int J Dev Disabil*. 2013;59:134-144. doi: 10.1179/2047387712Y.0000000007.

Silva SC, Gesser M, Nuernberg AH. A contribuição do modelo social da deficiência para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista. *Rev Educ Artes Inclusão*. 2019;15(2):187-207.

Ortega F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2009;14:67-77.

Araujo AGR, Silva MA da, Zanon RB. Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão. *Psicol Esc Educ [Internet]*. 2023;27:e247367. Available from: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-247367>.

Cooper, JO, Heron, T, Heward, W. *Applied Behavior Analysis*. 3. ed. [s.l.] Pearson, 2020.

Braga-Kenyon, P.; Kenyon, SE.; Miguel, CF. Análise Comportamental Aplicada (ABA) – Um Modelo para a Educação Especial. In: Camargos Jr., Walter et al. *Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio*. 2 ed. Brasília: CORDE, 2005. [acesso em 07 abr 2023]. Disponível em: https://www.academia.edu/15146232/AN%C3%81LISE_DO_COMPORTEAMENTO_APLICADA_An%C3%A1lise_Comportamental_Aplicada_ABA1_Um_Modelo_para_a_Educa%C3%A7%C3%A3o_Especial

ASD Guidelines - Council of Autism Service Providers. [acesso em 07 abr. 2023] Disponível em: <<https://casproviders.org/asd-guidelines/>>.

Ribeiro MJFX, Carmo JS. Apresentação. In: Carmo JS, Ribeiro MJFX, organizadores. *Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional*. Santo André: ESETec Editores Associados; 2012. pág. 7-12.

Rodrigues ME. Behaviorismo Radical, Análise do Comportamento e Educação: o que precisa ser conhecido? In: Carmo JS, Ribeiro MJFX, organizadores. *Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional*. Santo André: ESETec Editores Associados; 2012. pág. 37-72.



FAPS

FACULDADE
PERNAMBUCANA
DE SAÚDE